

*Resumo:* Neste trabalho, convidado para o número inaugural da Revista da Associação Brasileira de Terapia Familiar - ABRATEF, o percurso de quatro décadas de investigação na clínica de família e casal é narrado. São apresentados e discutidos resultados de pesquisas sobre temas relevantes para o desenvolvimento da área, dentre eles, avaliação da estrutura e da dinâmica da família; sintomas infantis e relação conjugal; conjugalidade heterossexual e homossexual; escolha amorosa, casamento, separação e terapia de casal; transmissão psíquica geracional; conjugalidade dos pais e projeto de casamento dos filhos; e articulação dos enfoques sistêmicos e psicanalíticos em terapia de família e de casal.

*Palavras-chave:* Pesquisa; prática clínica; terapia de família e casal; abordagens sistêmicas e psicanalíticas.

*Abstract:* In this invited address for the opening issue of the Journal of the Brazilian Family Therapy Association - ABRATEF, the history of four decades of clinical investigation in family and couple's therapy is told. Research results on relevant topics to the area's development are presented and discussed. Among them are family structure and dynamics evaluation; children symptoms and marital relationships; homosexual and heterosexual conjugality; love choice, marriage, separation, and couple's therapy; generational psychic transmission; parent's conjugality and sibling's marriage project; and the articulation of the systemic and psychoanalytical approaches in family and couple's therapy.

*Keywords:* Research; family and couple's therapy; clinical practice; psychoanalytical and systemic approaches.

#### Terezinha Féres-Carneiro

Professora Titular do Departamento de

Psicologia da PUC-Rio

e-mail: teferca@puc-rio.br

ATF-RIO - Associação de Terapia Familiar do Rio de Janeiro

# Clínica de família e casal: narrando quatro décadas de pesquisa

Terezinha Féres-Carneiro

**E**ste artigo, convidado para o número inaugural da *Revista da Associação Brasileira de Terapia Familiar - ABRATEF*, relata o percurso de quatro décadas de pesquisa na clínica de família e casal. Com uma carreira construída na articulação da academia com a prática clínica, sempre concebemos estas duas atividades como interdependentes. Os congressos e as reuniões científicas da Psicologia no país, por diversas vezes, foram palco de acaloradas discussões sobre a relação entre a formação do profissional e a formação do pesquisador na área. Nestas ocasiões, foi com entusiasmo e convicção que marcamos uma posição firmemente contrária àquelas que argumentavam que a Psicologia Clínica não teria, na pós-graduação *stricto sensu*, o mesmo lugar das outras áreas do saber psicológico e que seu espaço por excelência seria o do *lato sensu*, ou seja, o da especialização.

Em "Academia e profissão em Psicologia Clínica: da relação possível à relação desejável" (Féres-Carneiro, 1993), defendemos a necessidade de se estreitarem, cada vez mais, as relações entre a formação acadêmica e a formação profissional do psicólogo clínico, ressaltando a responsabilidade da universidade na crítica e na produção do conhecimento em Psicologia, em qualquer de suas áreas de aplicação.

## Década de 1970: estudos sobre avaliação familiar

Desde o final do Curso de Graduação, realizado na PUC-Rio de 1968 a 1972, nossos interesses estiveram sempre voltados para a família e para o

diagnóstico e a terapia familiar. Cursamos, em seguida, a Especialização em Terapia de Família e em Arte-Diagnóstico Familiar, ministrada pela Dra. Hanna Kwiatkowska e pelo Dr. Joe Griffs, ambos da George Washington University, à época, professores visitantes da PUC-Rio.

A preocupação em criticar e construir o conhecimento, na clínica de família e casal, que nos acompanhou ao longo da Especialização, esteve presente no Curso de Mestrado, realizado de 1972 a 1975. Constatamos que a maioria dos métodos de avaliação familiar existentes requeria um equipamento nem sempre encontrado nas clínicas brasileiras, que todas as técnicas tinham sido construídas no exterior e que nenhum estudo sistemático sobre elas, com população brasileira, tinha sido realizado. Decidimos, então, no trabalho de dissertação de mestrado, elaborar o primeiro método de avaliação das relações familiares construído no Brasil.

Na primeira proposta, construímos inicialmente 14 tarefas, destinadas a provocar interações significativas em áreas importantes da dinâmica familiar. A aplicabilidade dessas tarefas foi verificada através do atendimento clínico a seis famílias que procuraram o Serviço de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, durante o ano de 1974. Em função da discussão dos resultados obtidos através da aplicação das 14 tarefas, foram selecionadas, para constituírem o método de avaliação das relações familiares proposto, as seis tarefas que melhor provocaram as interações significativas desejadas (Féres-Carneiro, 1975).

O novo método de avaliação clínica precisava ser validado. Nos anos de 1977 e 1978, realizamos um estudo com o objetivo de validar a Entrevista Familiar Estruturada - EFE. Nesta investigação, todavia, tal objetivo não foi atingido, tendo em vista alguns problemas metodológicos e dificuldades encontradas pelas famílias de nível socioeconômico mais baixo, na compreensão de algumas das tarefas, inicialmente formuladas a partir do atendimento a famílias de segmentos médios da população. Esta pesquisa passou a ter, então, o objetivo de introduzir as modificações necessárias para que a EFE pudesse ser aplicada a famílias de diferentes segmentos socioeconômicos da população.

Uma vez realizadas tais modificações, permanecia a necessidade de validação da Entrevista Familiar Estruturada. Com este objetivo, desenvolvemos a pesquisa do Doutorado, realizado na PUC-SP, de 1979 a 1981. Foram estudadas 18 famílias de diferentes segmentos socioeconômicos, pertencentes a dois grupos contrastantes: famílias consideradas facilitadoras do desenvolvimento emocional de seus membros e famí-

lias consideradas dificultadoras de tal desenvolvimento. O coeficiente geral de fidedignidade do avaliador encontrado foi de 0,85, o que pode ser considerado um bom nível de consistência entre os dois avaliadores do estudo. A validade simultânea, calculada através da correlação entre as avaliações concedidas pelos juízes e a medida de critério, apresentou um coeficiente geral de 0,93, o que é considerado um excelente índice de correlação. A partir deste estudo, a Entrevista Familiar Estruturada foi divulgada como um método clínico capaz de discriminar uma dinâmica familiar dificultadora de saúde emocional, de uma dinâmica familiar facilitadora de saúde emocional.

No estudo de validação, foram estabelecidas doze categorias de análise e, a última delas, intitulada *interação familiar facilitadora de saúde emocional*, engloba todas as outras, que se constituem em dinâmicos básicos de interação da família, responsáveis pela promoção do desenvolvimento emocional sadio de seus membros. Assim, a *interação familiar facilitadora de saúde emocional* foi definida como aquela em que a *comunicação* entre os membros da família é congruente, clara, com direcionalidade e carga emocional adequadas; os *papéis* familiares são definidos, diferenciados e flexíveis; a *liderança* está presente, sendo diferenciada e democrática; os *conflitos* podem ser expressos, sem desvalorização e com busca de solução; a *agressividade* pode ser manifestada de forma construtiva e sem discriminação em sua direcionalidade; a *afeição física* está presente, sendo aceita pelos membros da família e possuindo carga emocional adequada; a *interação conjugal* é, ao mesmo tempo, diferenciada e individualizada, sendo capaz de gratificar a ambos os membros do casal; a *individualização* se faz presente, através da preservação das identidades de cada um, ao mesmo tempo em que a identidade grupal promove a *integração* da família permitindo assim a formação e a explicitação de sentimentos de alta *auto-estima* em seus membros (Féres-Carneiro, 1981; 1983).

A Entrevista Familiar Estruturada se mantém, até hoje, como o único método construído no Brasil - levando em conta as características da nossa população e da maior parte de nossas clínicas de atendimento - com o objetivo de avaliar em que medida a família promove o desenvolvimento emocional saudável de seus membros. A Editora Casa do Psicólogo, recentemente, interessou-se por publicar a EFE como teste psicológico (Féres-Carneiro, 2006). Para que tal publicação fosse possível, a mesma foi submetida à análise no Conselho Federal de Psicologia, tendo recebido o parecer favorável. A EFE tem sido muito utilizada na

clínica, sobretudo, em clínicas-escola, nos processos de avaliação e de terapia de família. Seu uso também tem sido freqüente em pesquisas de Mestrado e de Doutorado na área de família e casal no país.

### **Década de 1980: estudos sobre sintomas infantis, casamento e recasamento**

#### ***Sintomas infantis e terapia de casal***

No início dos anos 1980, depois de dez anos de pesquisas realizadas na clínica, sobre a estrutura e a dinâmica da família, e sobre diagnóstico e terapia familiar, nossos interesses voltaram-se para uma análise específica do casal parental e do casal conjugal no grupo familiar. Algumas das investigações desenvolvidas enfatizam a importância do casal na dinâmica da família, discutindo a relação entre as dificuldades emocionais apresentadas por crianças e os conflitos existentes nas interações estabelecidas por seus pais.

Destacamos, dentre estes trabalhos, uma investigação sobre sintomas infantis e terapia de casal, onde são estudados oito casais em terapia, num período de dois anos (Féres-Carneiro, 1980). A análise dos dados clínicos mostrou que embora cinco casais tenham buscado terapia para seus filhos que apresentavam problemas, tais dificuldades eram consequências das perturbações e dos conflitos existentes na relação do casal. Em apenas dois, dos oito casos estudados, os filhos precisaram ser vistos em sessões de avaliação familiar e, em apenas um caso, um filho precisou ser encaminhado para uma psicoterapia individual. Concluímos que, na maioria das vezes, os problemas emocionais apresentados pelas crianças encontram suas raízes na relação dos pais e que, quase sempre, é suficiente uma intervenção com o casal para que haja remissão dos sintomas apresentados pelos filhos. Esta é uma posição que continuamos defendendo, cada vez mais, com muita convicção.

Ampliando nossos interesses no estudo da relação conjugal, desenvolvemos várias pesquisas sobre casamento, recasamento e terapia de casal. Nestas investigações, privilegiamos, por um lado, o estudo das dimensões de aliança e sexualidade e, por outro, o estudo das tensões existentes entre individualidade e conjugalidade. Costumamos dizer que todo o fascínio - e toda dificuldade - de ser casal, reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa,

convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? Na expressão de Caillé (1991), na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três. Philippe Caillé ressalta que cada casal cria seu modelo único, que ele chama de "absoluto do casal", e que define a existência conjugal e determina seus limites. Sua definição de casal contém, portanto, os dois parceiros e seu "modelo único", seu absoluto. Isto, a que Caillé chama de "absoluto do casal", é o que denominamos de "identidade conjugal", e que na literatura sobre casamento e terapia de casal é designado, de um modo geral, como conjugalidade.

Na clínica conjugal, atendendo casais de primeiro casamento e casais recasados, observamos algumas diferenças significativas que se estabelecem entre o primeiro casamento e os casamentos subsequentes, em relação às dimensões de aliança e sexualidade, e às dimensões de individualidade e conjugalidade. As questões, em geral, começam a nos inquietar na clínica e, a partir do atendimento psicoterápico, muitas vezes, desenvolvemos pesquisas com a população geral, para depois retornarmos à clínica, com nossa escuta modificada por novas descobertas.

Estudamos, em uma investigação com sujeitos não clínicos, dez casais de primeiro casamento e dez casais de casamentos subsequentes, com idades entre 25 e 45 anos, com filhos, e tempo de vida conjugal entre 3 e 13 anos. Em relação à escolha conjugal, ficou evidenciado que, no grupo de primeiro casamento, a aliança assume um papel mais significativo que a sexualidade, enquanto esta é mais relevante para os recasados. Em ambos os grupos, o relacionamento sexual é considerado muito importante para o casal, mas a sexualidade aparece de forma mais personalizada e criativa entre os recasados, para os quais as demandas e expectativas em relação à atividade sexual são maiores (Féres-Carneiro, 1987, 1988). Tais resultados nos permitiram voltar para a clínica de casais com um olhar enriquecido em relação às questões que envolvem o casamento e o recasamento.

### **Década de 1990: da proposta de articular diferentes enfoques aos estudos sobre terapia de casal e sobre os diferentes tipos de conjugalidade**

#### **Propondo a articulação dos enfoques sistêmicos e dos enfoques psicanalíticos**

Tendo desenvolvido, em meados da década de 1980, um grande interesse pelos autores franceses de

orientação psicanalítica no trabalho com famílias e casos, realizamos, em 1988, um Pós-doutorado, com atividades na Itália e na França. Escolhemos trabalhar com a Dra. Ana Maria Nicollò, à época, do Instituto de Terapia Familiar de Roma, e com o Dr. Jean Lemaire, da Universidade de Paris 5 – Sorbonne - e da Associação de Psicanálise e Sistema Familiar, por serem psicanalistas que propõem uma articulação das abordagens sistêmicas com as abordagens psicanalíticas no trabalho com famílias e casais.

Influências predominantemente sistêmicas, em alguns momentos, e influências predominantemente psicanalíticas, em outros, marcaram nossa formação como terapeuta de família e casal. Assim, temos criticado a rigidez dos puristas destas duas abordagens e defendido a possibilidade de articular diferentes enfoques em terapia de família e de casal. Em algumas publicações, dentre as quais destacamos Féres-Carneiro (1991, 1993 e 1996), temos discutido esta questão.

De um modo geral, na perspectiva sistêmica, prevalece uma preocupação com a interação e a busca de modificá-la, o que leva, muitas vezes, a uma desatenção em relação aos processos psíquicos subjacentes. Enquanto na perspectiva psicanalítica, há uma preocupação com os processos inconscientes que estão na origem da disfunção familiar. A proposta de articulação considera que estas duas concepções teóricas, e as práticas delas decorrentes, não podem deixar de considerar que a família e o casal são sistemas autô-regulados, com uma linguagem própria, com regras e mitos próprios de funcionamento.

Na defesa da possibilidade de articulação, como Jean Lemaire, consideramos que é preciso uma tríplice chave de leitura, no trabalho clínico com famílias e casais, que passe pelo intrapsíquico, pelo interacional e pelo social. Para Lemaire (1984), o fato, por exemplo, de o terapeuta de casal compreender psicanaliticamente os fenômenos inconscientes das identificações projetivas que estão na base da colusão narcísica do casal, não deve impossibilitá-lo de lançar mão de desenvolvimentos teórico-técnicos das teorias sistêmicas. Ele pode, ao mesmo tempo, trabalhar sobre a comunicação, as expressões paradoxais, os duplos-vínculos, sem estar impedido de levar em conta processos arcaicos inconscientes, que estão em jogo desde o estabelecimento da relação amorosa.

Ana Maria Nicollò é outra autora que possui posição semelhante, falando de um “rigor elástico”, ou seja, de uma atitude que requer, nas disciplinas psicológicas, a intuição, a subjetividade do observador que são insubstituíveis para o conhecimento, quando dis-

cute a possibilidade de articulação dos enfoques sistêmicos e psicanalíticos em terapia de família e casal (Nicollò, 1988).

### **Escolha amorosa, individualidade e ruptura do laço conjugal na terapia de casal**

Privilegiando sempre a postura de articulação na clínica, demos continuidade às investigações sobre relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal, a partir do atendimento, ao longo de três anos, a 16 casais da classe média carioca. Estudamos as relações existentes entre a manifestação da individualidade e da conjugalidade, os tipos de escolha amorosa e a manutenção ou a ruptura do casamento.

Os resultados mostraram que na interação dos 8 casais cujos tipos de colusão predominante foram a narcísica e a oral, a dimensão de individualidade está menos presente. Nestes tipos de colusão, como ressaltava Willi (1978), há uma grande necessidade de fusão dos membros do casal, predominando, portanto, categorias temáticas referidas à conjugalidade, como confirmaram os resultados: predominância do uso do pronome “nós”, união como valor, limites difusos de cada “eu”, lazer conjunto, funções domésticas e papéis sexuais pouco definidos, e espaços físicos pouco demarcados.

Na interação dos 5 casais cuja tipos colusão predominante foi a sádico-anal, caracterizada pela relação dominador/dominado, os resultados mostraram uma presença maior das categorias temáticas referidas à individualidade: predominância do uso do pronome “eu”, privacidade como valor, lazer individualizado, funções domésticas e papéis sexuais mais definidos, e espaços físicos demarcados.

Na interação dos 3 casais em que predominou a colusão fálico edípica, caracterizada pela rivalidade em relação ao papel chamado masculino, há um certo equilíbrio entre as dimensões de individualidade e conjugalidade. Observou-se a presença de categorias temáticas referidas ora à individualidade, ora à conjugalidade: uso tanto do pronome “eu” como do pronome “nós”, valorização da privacidade e da união, lazer conjunto e individualizado, uma certa definição das funções domésticas e dos papéis sexuais pouco definidos, e espaços físicos com alguma demarcação.

Quanto à manutenção ou a ruptura do casamento, os resultados não evidenciaram uma relação significativa com a presença maior ou menor da dimensão de individualidade ou de conjugalidade na interação, ou com os tipos predominantes de colusão. Dos 16 casos estudados, 10 casais se mantiveram casa-

dos e 6 se separaram. Dentre os 10 casais em que houve a manutenção do casamento, observou-se a presença de todos os tipos de colusão. O mesmo ocorreu com os 6 casais que se separaram.

Assim, a manutenção ou a ruptura do casamento, ao longo da terapia de casal, está mais significativamente relacionada com a maneira como as dimensões de individualidade e de conjugalidade puderam-se transformar e como, dentro de cada tipo de escolha amorosa, o casal, ao longo do processo terapêutico, foi capaz de efetuar mudanças no jogo conjunto que envolvia seus membros. Os resultados evidenciaram também uma maior possibilidade das mulheres de efetuar mudanças e também de romperem o casamento, o que ocorreu em 4 dos 6 casos em que houve separação conjugal (Féres-Carneiro, 1995).

### ***Conjugalidades heterossexual e homossexual***

Uma nova demanda, no início da década de 1990, surgiu na nossa clínica de casal: casais homossexuais procurando ajuda para resolverem suas dificuldades e seus conflitos interacionais. O atendimento psicoterápico a casais heterossexuais e a casais *gays* e de lésbicas, nos levou a levantar algumas questões sobre as características destes diferentes tipos de conjugalidade. No atendimento a casais homossexuais, percebemos uma maior valorização da sexualidade pelo par *gay*, enquanto no par de lésbica observamos uma valorização maior da amizade e do companheirismo. Estudos realizados no Brasil por psicólogos e antropólogos, como os de Portinari (1989), Fry e McRae (1981) e Heilborn (1992) confirmam também estes dados.

Com o objetivo de investigar o processo de escolha amorosa e a vivência da relação conjugal nestes diferentes tipos de conjugalidade, realizamos uma investigação com 240 homens e mulheres heterossexuais, e com 180 homens e mulheres homossexuais dos segmentos médios da população carioca, de diferentes faixas etárias. Os resultados referentes à escolha amorosa, publicados em Féres-Carneiro (1997) mostram que homens e mulheres heterossexuais valorizam as mesmas qualidades em seus parceiros, ou seja, fidelidade, integridade, carinho e paixão. Tais qualidades são igualmente valorizadas pelas mulheres homossexuais, enquanto os homens homossexuais tendem a enfatizar a importância da atração física e da capacidade erótica de seus parceiros. Tais resultados confirmam dados da literatura (Fry e MacRae, 1981; Heilborn, 1993). Dentre outras constatações deste estudo, verificou-se também que o nível de exigência em relação à

escolha do(a) parceiro(a) é muito alto nas mulheres no grupo heterossexual, enquanto no grupo homossexual, a maior exigência é demonstrada pelos homens.

Os resultados referentes à interação conjugal foram publicados no livro *Casale e família: entre a tradição e a transformação* (Féres-Carneiro, 1999) e mostram que o relacionamento sexual foi considerado muito importante tanto para os heterossexuais como para os homossexuais. Em relação à frequência das relações sexuais, os homens e mulheres heterossexuais e as mulheres homossexuais não quantificam as relações, afirmando que a frequência depende de cada casal. Todavia, a maior parte dos homens homossexuais falaram de uma frequência desejável, que variou de 3 a 5 vezes por semana. Em relação à fidelidade, a maioria dos sujeitos de ambos os grupos consideraram-na como de fundamental importância na relação amorosa, rejeitando a possibilidade de sexo fora do relacionamento. Entretanto, dentre os homossexuais, em torno de um terço das respostas, tanto dos homens como das mulheres, indicaram a alternativa de sexo fora da relação, quer como estímulo para esta, quer como uma possibilidade colocada pela própria definição do relacionamento. No discurso dos homens homossexuais foi possível também perceber uma diferença entre fidelidade amorosa e fidelidade sexual. Para estes sujeitos, a infidelidade sexual não é necessariamente uma traição, enquanto a infidelidade amorosa é sempre considerada uma traição.

De volta à clínica de casais, os resultados obtidos, nesta investigação, possibilitaram que a escuta em relação a estes diferentes tipos de conjugalidade fosse mais contextualizada. Da clínica para a pesquisa, da pesquisa para a clínica, podemos ir tecendo articulações que promovem a crítica e a construção do conhecimento e que enriquecem nossa escuta e nossa intervenção terapêutica.

### **Década de 2000: estudos sobre a manutenção do casamento na terapia de casal, o lugar do laço conjugal no projeto de vida dos jovens e as conjugalidades contemporâneas**

#### **Casamento, separação e terapia de casal**

Dando continuidade à nossa atividade de pesquisa, o projeto seguinte, intitulado "Casamento, separação e terapia de casal: estudos sobre a construção e a dissolução do laço conjugal na contemporaneidade", foi desdobrado em três subprojetos, desenvolvidos com as camadas médias da população carioca. O pri-

meiro deles, "Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal" teve seus resultados publicados no livro *Casamento e família: do social à clínica* (Féres-Carneiro, 2001). Esta investigação, realizada com 16 homens e 16 mulheres, de diferentes faixas etárias, casados legalmente, ou não, há mais de 3 anos, com filhos deste casamento, teve como objetivo investigar a construção da identidade conjugal, a vivência da conjugalidade e da individualidade na manutenção do casamento contemporâneo. Em relação à concepção de casamento, tanto os homens como as mulheres ressaltaram a importância da individualidade na vida a dois, ao mesmo tempo em que enfatizaram a importância do compartilhar e dividir. Todavia, somente as mulheres explicitaram as dificuldades decorrentes do conflito individualidade/conjugalidade na vivência da relação conjugal.

Os homens definiram casamento como "constituição de família" e as mulheres como "relação amorosa", confirmando dados brasileiros de pesquisas anteriores (Magalhães, 1993; Féres-Carneiro, 1997). Enquanto os homens ressaltaram a importância da atividade sexual na relação conjugal, as mulheres valorizaram a qualidade e não a frequência das relações sexuais. Em relação à influência da conjugalidade sobre a subjetividade, os homens se perceberam mais tranquilos após o casamento, enquanto as mulheres, mais seguras e tolerantes. Ainda confirmando resultados de outros estudos (Féres-Carneiro, 1987 e Jablonski, 1998), constatou-se que os homens estão mais acomodados na relação conjugal e não demonstram necessidades de fazerem mudanças, enquanto as mulheres estão mais inquietas, ressaltando o desejo de buscar transformações que possam melhorar a vivência da conjugalidade.

O segundo subprojeto investigou como homens e mulheres vivenciam o processo de dissolução do casamento e buscam construir suas identidades individuais, após a separação. Foi realizada uma pesquisa de campo com 16 homens e 16 mulheres, de duas faixas etárias (25-35 anos e 45-55 anos), separados legalmente, ou não, do primeiro casamento e que ainda não estavam recasados. Os resultados desta investigação foram divulgados em Féres-Carneiro (2003a) e não foram encontradas diferenças relevantes nos dois grupos etários estudados. Entretanto, as atitudes e sentimentos de homens e mulheres contrastaram em muitas situações. Delinearam-se, com clareza, um desejo e uma decisão de separação, predominantemente, femininos; o que não significa que a intensidade da dor, vivenciada neste processo, por homens e mulheres,

seja diferente. Homens sentindo-se, sobretudo, frustrados e fracassados, e mulheres vivenciando, principalmente, mágoa e solidão, todos eles experimentam um profundo sentimento de dor no processo de ruptura da relação conjugal. Quando homens e mulheres apontam a infidelidade masculina como uma das causas da separação, ao mesmo tempo em que estão ressaltando que a traição masculina é mais tolerada, culturalmente, do que a feminina, estão também explicitando uma reação maior das mulheres que, traídas, desejam a separação conjugal. À medida em que as mulheres conquistaram, nas últimas décadas, mais espaços no mercado de trabalho, elas também se expuseram mais a traírem seus cônjuges, ao mesmo tempo em que se tornaram mais exigentes na relação amorosa.

O terceiro subprojeto, desenvolvido no *setting* clínico, estudou 18 casais, casados legalmente ou não, atendidos em terapia de casal, ao longo de três anos, cuja demanda continha, como um dos temas, a questão da manutenção e da ruptura do casamento. Dos 18 casais atendidos, 7 se separaram, 7 se mantiveram casados e 4 se separaram e, depois de certo tempo, voltaram a se casar e retornaram à terapia de casal. Os resultados deste estudo estão publicados no livro *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas* (Féres-Carneiro, 2003b).

De um modo geral, tanto nos casos em que houve ruptura do laço conjugal como naqueles em que não houve, os homens mostraram uma vivência mais negativa da solidão e uma maior dificuldade de ficarem sós que as mulheres. Em relação à fusão/diferenciação, observou-se a tendência a uma certa fusionalidade tanto no grupo dos casais que se mantiveram casados, como naqueles dos que se separaram e dos que se recasaram. A intensidade com que a fusionalidade estava presente na relação do casal permitia a maior ou menor promoção de saúde emocional na dinâmica conjugal. A maior parte dos casais estudados puderam se beneficiar do processo terapêutico, reduzindo os espaços de fusão e ampliando aqueles da diferenciação.

Em relação à manutenção/dissolução do laço conjugal, constatou-se, em todos os casais, uma grande valorização do casamento, apesar da ambivalência que experimentavam em relação à sua manutenção, ou não, presente na demanda inicial de psicoterapia de todos os casos estudados. Homens e mulheres valorizaram igualmente a manutenção do casamento, embora o discurso feminino tenha enfatizado mais aspectos relacionados à relação conjugal, e o masculino, além

destes, tenha explicitado também aspectos relativos à relação com os filhos. Dos 11 casos em que houve ruptura do casamento, em apenas três, prevaleceu no discurso masculino a ênfase no desejo de separação. Em todos os outros casos, foram as mulheres que manifestaram, com mais intensidade, o desejo de se separarem, e apresentaram alternativas para o processo de dissolução do laço conjugal.

Este dado está presente nos resultados de quase todas as pesquisas que temos realizado sobre separação, assim como nos casos que temos atendido na clínica, ao logo das últimas quatro décadas: em geral, os homens só manifestam o desejo de separação quando já estão envolvidos com outra pessoa. Costumamos relacionar este resultado, referente à demanda predominantemente feminina de separação conjugal, com o modo como homens e mulheres concebem casamento. Como já mencionamos, constatou-se, em pesquisas anteriores, que os homens, em geral, deem fim ao casamento como constituição de família, e as mulheres como relação amorosa. Assim, para as mulheres, quando a relação amorosa não vai bem, a separação parece mais inevitável do que para os homens, cuja concepção de casamento está mais associada à constituição de família. Além disto, vimos também que os homens têm mais dificuldade que as mulheres de ficar sós, o que pode levá-los a querer se separar, em geral, quando já estão vinculados a outras pessoas.

No desenvolvimento destes três subprojetos, podemos ver como a intervenção terapêutica pode beneficiar-se dos resultados de pesquisas realizadas com a população não clínica, ao mesmo tempo em que as questões suscitadas na clínica inspiram a formulação de pesquisas com a população geral, que enriquecem a crítica e a produção do conhecimento. É importante não esquecer, também, que o exercício da clínica envolve uma atitude permanente de pesquisa.

### **Conjugalidade dos pais e o lugar do laço conjugal no projeto de vida dos filhos**

Recentemente, concluímos o projeto de pesquisa que teve como objetivo principal estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como percebida e vivenciada pelos filhos, e o lugar do laço conjugal no projeto de vida destes. A literatura psicanalítica das relações amorosas ressalta que a conjugalidade se origina na trama inconsciente familiar dos sujeitos-parceiros. Nas famílias, histórias passadas e presentes se misturam e são transmitidas aos fi-

lhos, associadas às expectativas de futuro, conjugando as fantasias individuais dos membros da família e os mitos familiares (Féres-Carneiro e Magalhães, 2005).

Recorremos ao conceito de transmissão psíquica geracional, que está presente no texto freudiano na discussão da transmissão da neurose e na hipótese da transmissão filogenética, indicando o reconhecimento da base intersubjetiva do psiquismo. Em “Totem e tabu” (1913), Freud diferencia a transmissão psíquica por identificação aos modelos parentais, referida à história do sujeito, da transmissão constituída por traços mnemônicos das relações com as gerações anteriores, referida à pré-história do sujeito. Em “Introdução ao narcisismo” (1914), a transmissão aparece nos discursos de antecipação, através das designações de lugar e de predisposições. Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), evidencia-se a passagem do objeto individual a um objeto comum a todos os membros do grupo, que se efetua pela via das identificações.

Na década de 1970, Abraham e Torok (1978) retomam a idéia de transmissão psíquica entre as gerações e, mais recentemente, a partir dos anos 1990, alguns autores interessados nas questões familiares vêm aprofundando essa discussão, tanto do ponto de vista dos aspectos patológicos da repetição e dos pacotes denegativos associados à transmissão (Kaes, 1993; Eiguier, 1997; Benghozi, 2000), quanto da produção criativa resultante da elaboração e transformação da herança (Benghozi, 2000; Carreteiro, 2001).

Para atingir o objetivo proposto no nosso estudo sobre as relações existentes entre a conjugalidade dos pais e o lugar do laço conjugal no projeto de vida dos filhos, a investigação foi desenvolvida em duas etapas, utilizando para isto uma metodologia quantitativa. Na primeira etapa, foi realizada uma pesquisa de levantamento, com 236 jovens solteiros (129 homens e 107 mulheres), das camadas médias da população carioca, com idades entre 19 e 30 anos, que objetivou investigar a percepção dos filhos sobre o casamento de seus pais.

Na segunda etapa do estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa com 14 jovens, 7 homens e 7 mulheres que haviam participado da primeira etapa, utilizando-se uma entrevista semi-estruturada, para avaliar a concepção, as expectativas e os ideais sobre casamento dos jovens, com o objetivo de explorar as possíveis relações existentes entre a percepção dos filhos sobre o casamento de seus pais e aquilo que o laço conjugal representava para eles.

Resultados parciais desta investigação foram publicados em Féres-Carneiro, Seixas e Ziviani (2006);

Ziviani, Féres-Carneiro e Magalhães (2006); e Féres-Carneiro, Ziviani e Magalhães (2007). Em relação aos seus projetos, os jovens entrevistados, quando perguntados sobre como imaginavam sua vida daqui a dez anos, a maioria incluiu espontaneamente o casamento nos seus planos. Para os homens que incluíram o casamento em seus projetos de vida, esse fator não apareceu como uma prioridade, mas como um dos planos, posterior à conquista da estabilidade financeira, de viagens de aprimoramento profissional e/ou de lazer.

Para as mulheres, a inclusão do casamento também é precedida pela priorização da vida profissional. Contudo, diferentemente dos homens, as viagens e o lazer não aparecem como prioridades, mas sim o desejo de ter filhos. A prevalência do plano de ter filhos no discurso das mulheres entrevistadas confirma resultados de pesquisas anteriores que afirmam que, apesar da tendência a se apagar, pouco a pouco, nas sociedades ocidentais, a linha que separa os campos da maternidade e da paternidade, permanece mais forte nas mulheres, o desejo de ter filhos (Héritier, 1996; Féres-Carneiro, 1999).

No que diz respeito à influência da percepção da conjugalidade dos pais nos projetos de vida dos filhos, a maioria dos jovens afirmou que os pais são um modelo a não ser seguido. Mesmo nos casos em que a conjugalidade dos pais foi percebida como muito satisfatória, alguns sujeitos não incluíram o casamento espontaneamente nos seus projetos de vida e consideraram que o casamento dos pais era sufocante ou que fariam muitas coisas de modo diferente do que vivenciariam.

Podemos considerar que, no caso da recusa do modelo dos pais, a herança conjugal é tão marcante que os filhos desejam fazer o oposto do que os pais fizeram. E, quando não têm uma percepção clara da influência da conjugalidade dos pais, ou têm ressentimentos relativos a essa percepção, sequer conseguem incluir a ideia de conjugalidade nos seus projetos de vida.

No caso desses jovens que reagiram de forma defensiva em relação à história familiar, recusando a percepção da influência dos pais e evitando os relacionamentos amorosos, como forma de proteção contra a possibilidade de repetição de padrões familiares, compreendemos que o percurso de elaboração de suas marcas identitárias não viabilizou a necessária diferenciação da herança dos pais e, conseqüentemente, a possibilidade de construção de um projeto de conjugalidade autônomo.

Na maioria dos casos em que os jovens apresentaram um discurso de franca recusa à percepção da

influência da conjugalidade dos pais sobre o lugar que essa ocupa em seus projetos de vida, tais pais tiveram sua conjugalidade avaliada pelos filhos como muito insatisfatória. Considerou-se que esse resultado evidenciou o quanto o não enfrentamento pelos pais de seus conflitos conjugais, e a manutenção de uma relação conjugal insatisfatória se expressam no processo de identificação e de diferenciação dos filhos e, conseqüentemente, na possibilidade de elaborar projetos de vida mais autônomos.

Os jovens que conseguiram perceber a influência da conjugalidade dos pais e discriminá-la puderam construir um projeto individual mais independente, diferenciado e autônomo. Dessa forma, conferiram autoria a seu próprio projeto de conjugalidade. Nesses casos, a identificação com os pais ocorreu de tal forma que não foi necessário negá-la ou atuar de modo reativo (McDougall, 1993). Kaës (1993 e 2000) afirma que a transmissão geracional implica o sujeito na genealogia, impondo a tarefa de pensar e transformar o que foi transmitido.

Assim, o lugar que o casamento ocupa nos projetos de vida parece estar relacionado com o modo como os jovens entrevistados se apropriaram de sua herança familiar e com o discernimento sobre os aspectos da conjugalidade dos pais que os influenciaram. Em trabalho anterior (Magalhães e Féres-Carneiro, 2004), ressaltamos que o desvelamento dos elos da cadeia geracional e das posições ocupadas pelos familiares uns em relação aos outros, posições essas cambiáveis e múltiplas, permite ao sujeito não somente a apropriação de seu lugar na transmissão psíquica geracional, mas também a relativização de sua missão. A possibilidade de estruturar um lugar para a conjugalidade no psiquismo depende, sobretudo, de condições de diferenciação promovidas na família.

Estamos realizando o estudo de validação do “Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais”, construído para o desenvolvimento da investigação relacionada acima. O referido questionário já foi aplicado a 1650 sujeitos, com idades entre 18 e 29 anos, de diferentes segmentos sociais. Deste modo, após sua validação, poderemos contar com mais um método de avaliação para ser utilizado em pesquisas sobre família, com enfoque no casal parental e no casal conjugal.

### Conjugalidades contemporâneas

O atual momento social é descrito como uma era cujas mensagens e fenômenos são confusos, fluídos e imprevisíveis. Bauman (2004) nomeia esta era



como "modernidade líquida". O autor compara o momento atual com o mundo darwiniano, onde o melhor e mais forte sobrevive. Neste mundo de sobrevivência, o relacionamento humano configura-se de forma efêmera. Os sentimentos são descartáveis, assim como os relacionamentos, em prol de uma sensação de segurança. Assim, a sociedade contemporânea enfrenta um paradoxo. A fragilidade do laço e o sentimento de insegurança inspiram um conflitante desejo de tornar o laço intenso e, ao mesmo tempo, deixá-lo desprendido. Atualmente, homens e mulheres parecem aflitos e ansiosos por um relacionamento em que não se sintam descartáveis, ao mesmo tempo em que parecem desconfiados da condição de "estarem ligados" continuamente. O compromisso é considerado como limitador da liberdade e provoca sentimentos, os quais são vivenciados, muitas vezes, como intoleráveis.

O projeto de pesquisa atual intitulado "Conjugualidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade", tem como objetivo mapear conceitualmente os diversos arranjos conjugais contemporâneos, identificando as variáveis que os sujeitos envolvidos nestes laços indicam como definidoras de tais arranjos. Para desenvolvê-lo será utilizada uma metodologia qualitativa, centrada em entrevista semi-estruturada. A amostra será constituída de 100 sujeitos, das camadas médias da população carioca, com idades entre 20 e 50 anos, sendo 50 homens e 50 mulheres, distribuídos em grupos de 4 sujeitos heterossexuais e 2 sujeitos homossexuais, nos seguintes arranjos conjugais: "ficar com", namoro, noivado, coabitação, união estável, casamento civil, recasamento, casamento em casas separadas e "poliamor". Adotaremos, no desenvolvimento desta investigação, uma ótica multidisciplinar, articulando os saberes da sociologia, da antropologia, da psicologia social e da psicanálise de família e casal.

Na clínica de família e casal, temos nos depara-

## Referências

- Abraham, W. e Torok, M. (1978). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- Barker, M. (2005). This is my partner, and this is my partner's partner: constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology*, 18, 75-88.
- Bauman, Z. (2004). *O amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benghozi, P. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias. Desmalhar e remalhar continentes genealógicos familiares e comunitários. In O. B. R. Correa (org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.

do com todos os arranjos acima referidos, com exceção, até o momento, do "poliamor"<sup>1</sup>. Como nas outras investigações relatadas, mesmo aquelas que não foram realizadas no setting clínico, na maioria dos casos, nossas questões de pesquisa surgiram na prática clínica. Acreditamos que esta investigação, como as demais que relatamos, trará subsídios importantes para a prática das psicoterapias individual, de família e de casal, para as quais as questões relacionadas à conjugualidade e às suas múltiplas formas estão cada vez mais presentes.

## Considerações finais

Nossa proposta de construir articulações não desconsidera a importância da consistência entre teoria e prática, e a coerência com uma determinada posição epistemológica. Entretanto, dentro de uma mesma posição epistemológica, incontáveis modelos de atendimento são possíveis. Como ressalta Maturana (1990), há diversos modos de fazer terapia e estes modos distintos têm a ver com as distintas características dos terapeutas. Para o autor, haverá tantas propostas terapêuticas quantos forem os terapeutas.


Exercendo há quatro décadas as funções de docente-pesquisadora e de psicóloga clínica, concebemos tais funções como indissociáveis. No exercício da clínica, escolhemos ser terapeuta de família e casal, e, neste lugar, propomos - como vários outros autores de grande projeção na área - a articulação das abordagens sistêmicas e psicanalíticas, buscando, nas diferenças, muito mais a possibilidade de as mesmas se complementarem do que de se excluírem mutuamente. Para nós, o mais importante é que o terapeuta faça uma escolha ética, lançando mão de todas as possibilidades teórico-técnicas ao seu alcance, para intervir de modo a alcançar o melhor benefício terapêutico para os seus pacientes.

- Carretero, T. C. (2001). Vinculações entre romance familiar e trajetória social. In T. Féres-Carneiro (org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU.
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois - Le couple révélé à lui-même*. Paris: ESF.
- Eiguer, A. (1984). *La thérapie psychanalytique de couple*. Paris: Dunod.
- Eiguer, A. (1997). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco.
- Féres-Carneiro, T. (1975). Entrevista Familiar Estruturada: um novo método clínico de avaliação das relações familiares. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Féres-Carneiro, T. (1980). Psicoterapia de casal e suas repercussões no comportamento dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 32, 4, 51-60.
- Féres-Carneiro, T. (1981). *Entrevista Familiar Estruturada: sua Consistência, Validade e Aplicabilidade em Psicologia Clínica*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- Féres-Carneiro, T. (1983). *Família: Diagnóstico e Terapia*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Féres-Carneiro, T. (1987). Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3, 3, 250-261.
- Féres-Carneiro, T. (1988). Alliance et sexualité dans le mariage et le remariage contemporains. *Dialogue*, 102, 110-120.
- Féres-Carneiro, T. (1993). Terapia familiar: considerações sobre a possibilidade de articular diferentes enfoques. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 1, 19-22.
- Féres-Carneiro, T. (1993). Academia e profissão em Psicologia Clínica: da relação possível à relação desejável. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 6, 1/2, 103-105.
- Féres-Carneiro, T. (1995). Terapia de casal: ruptura ou manutenção do casamento? *Temas em Psicologia*, 2, 37-52.
- Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 16, 38-42.
- Féres-Carneiro, T. (1997). Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10, 2, 351-368.
- Féres-Carneiro, T. (1999). Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. In T. Féres-Carneiro (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro, RJ: Nau.
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.). *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro, RJ: Nau.
- Féres-Carneiro, T. (2003a). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8 (3), 367-374.
- Féres-Carneiro, T. (2003b). Construção e dissolução do laço conjugal na terapia de casal. In T. Féres-Carneiro (org.). *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: EDPUC-Rio/Edições Loyola.
- Féres-Carneiro, T. e Magalhães, A. S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In T. Féres-Carneiro (org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Féres-Carneiro, T. (2006). *Entrevista Familiar Estruturada: um método clínico de avaliação das relações familiares*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., Seixas, A. e Ziviani, C. (2006). Conyugalidad de los padres y proyectos de vida de los hijos frente al matrimonio. *Cultura y Educación*, 18, 1, 95-108.
- Féres-Carneiro, T., Ziviani, C. e Magalhães, A. S. (2007). Questionário sobre a conjugalidade dos pais como instrumento de avaliação. In T. Féres-Carneiro (org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. *ESB*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *ESB*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. *ESB*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

- Fry, P. e MacRae, E. (1981). *O que é a homossexualidade?* São Paulo, SP: Brasiliense.
- Héritier, F. (1996). *Masculin/féminin, la pensée de la différence*. Paris: Odile Jacob.
- Heilborn, M. L. (1993). Vivendo a dois: arranjos conjugais em comparação. *Revista Brasileira de Estudos da População*, 10, 1/2, 25-40.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Kaës, R. (1993). *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto. Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. In O. B. R. Correa (org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Lemaire, J. (1984). *Le couple, sa vie, sa mort*. Paris: Payot.
- Lemaire, J. (1988). Du je au nous, ou du nous au je? Il n'y a pas de sujet tout constitué. *Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille*, 102, 4, 72-79.
- Magalhães, A. S. (1993). *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ.
- Magalhães, A. S. e Féres-Carneiro, T. (2003). A conjugalidade na série identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 16, 176, 41-50.
- Maturana, H. (1990). *Biología de la Cognición y epistemología*. Emuco: Universidad de la Frontera.
- McDougall, J. (1993). Pai morto: sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In D. Green (org.). *O enigma dos sexos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nicolló, A. M. (1988). *Soigner à l'intérieur de l'autre: notes sur la dynamique entre l'individu et la famille*. Rome: Mimeo.
- Portinari, D. (1989). Casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9,3,15-28.
- Willi, J. (1978). *La pareja humana: relación y conflicto*. Madri: Ediciones Morata.
- Ziviani, C; Féres-Carneiro, T.; Mahalhães, A. S.; Bucher-Maluschke, J. Avaliação da conjugalidade (pp. 13-55). In Noronha, A.P.P.; Santos, A.A.A.; Sisto, F.F.(orgs.) *Facetas do fazer psicológico*. São Paulo: Vetor.

## Notas

<sup>1</sup>O "poliamor" é uma nova modalidade de relacionamento amoroso, específica da não-monogamia, surgida na década de 90, sem ligação com uma identidade sexual particular, na qual se acredita ser possível e aceitável amar muitas pessoas e manter múltiplos relacionamentos íntimos, se houver honestidade quanto a eles e se não for pensada, necessariamente, em termos de relacionamentos sexuais (Barker, 2003).



NÚCLEO  
**contemporâneo**  
DE PSICOTERAPIA

**Cursos e Atendimentos em Terapia de Casal e Família,  
Psicoterapia Individual, de Grupo e Comunitária, Clínica Social.**

**Direção: Rosane Carneiro Porto - CRP: 05/7740**  
**Colaboração: Ivone Brittes e Fátima Galvão Palma**

Rua Cel. Moreira César, 229, salas: 1108 e 924 - Icarai - Niterói - RJ  
CEP: 24230-052 - Brasil - Tel/Fax: (21) 2610-3098 / (21)2711-9570

[www.nucleocontemporaneo.com](http://www.nucleocontemporaneo.com)

Impressão:

